

Ciro Gomes deixa de assustar empresários

Maria Inês Nassif

De São Paulo

O candidato do PPS à Presidência, **Ciro Gomes**, não é mais o fantasma do empresariado industrial brasileiro. O trabalho miúdo do último ano, de visitar cidades, fazer reuniões com pequenos e médios empresários, usar a mídia local e procurar grandes lideranças empresariais, produziu resultados: hoje, as resistências ao seu nome estão concentradas no setor financeiro, que não assimilou as propostas de alongamento da dívida e centralização do câmbio, formuladas pelo guru do candidato, o filósofo **Mangabeira Unger**.

Ciro não é a primeira alternativa do setor industrial, mas já é admitido como uma possibilidade para as eleições de 2002, quando se escolherá o sucessor do presidente **Fernando Henrique Cardoso**. No ano passado, o seu nome era visto como um risco para a economia. "Ele tem um discurso de que a estabilidade é um problema superado e temos de partir para o segundo tempo, do crescimento com justiça social", relata o presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), **Horácio Piva**. "Ciro sabe falar o que o público quer ouvir."

A posição do candidato adere ao clima que prevalece hoje no empresariado não-financeiro. O setor produtivo ainda não sentiu de forma homogênea o sopro de recuperação da economia dos últimos meses, está insatisfeito e acrescentou ao seu descontentamento a má condução do assunto reforma tributária pelo governo, segundo outro empresário. **Ciro** não conseguiu entrada, no entanto, no empresariado financeiro, que não assimilou as formas pouco ortodoxas defendidas pelo candidato para o alongamento da dívida.

"Cada ponto que **Ciro** ganha nas pesquisas de opinião, é um ponto que o país perde lá fora", opina um empresário do setor. O presidente da Febraban (a associação que reúne os bancos), **Roberto Setúbal**, embora se recuse a falar em nomes, praticamente afasta a alternativa do PPS ao definir como princípio, na escolha do sucessor de **Fernando Henrique**, a confiança que o candidato possa trazer ao mercado, além da política de estabilidade e do Banco Central independente.

"Para nós o sucessor ideal seria o ministro **Pedro Malan**, com Ar-

mínio **Fraga** no BC, mas reconhecemos que o seu nome não pegou", afirma um representante da área financeira. Essa preferência, aliás, é o ponto máximo de um processo divergente dos interesses dos setores financeiro e industrial, que começou nos meses seguintes ao início do Plano Real. "Depois da crise da Ásia as diferenças ficaram maiores", diz um executivo financeiro. "Em casa que não tem pão todo mundo reclama e ninguém tem razão." No setor industrial, ninguém admite o ministro como opção. "Esse é um balão de ensaio que na indústria ninguém leva a sério", afirma um dirigente do setor.

A insatisfação do empresariado industrial, no entanto, não joga o setor, conservador por definição, na oposição a **Fernando Henrique**. **Ciro** é visto como uma chance de mudança sem ruptura. O candidato é desenvolvimentista e, no momento, a única alternativa colocada ao candidato do PT, **Luiz Inácio Lula da Silva**. Pode ser um caminho para os próprios tucanos. "Os empresários são conservadores: o partido deles é o poder", diz um empresário. O setor também trabalha com a hipótese de uma recuperação forte na economia, o que reduziria as insatisfações e daria a **Fernando Henrique** o comando de sua sucessão. Nesse caso, poderia viabilizar o governador do Ceará, **Tasso Jereissati**, que agrada; ou, chance mais remota, o governador **Mário Covas**. O ministro **José Serra** não agrada nem a gregos, nem a troianos. "É uma relação de amor e ódio: ele é empreendedor mas a forma como faz as coisas não é aceita", diz um industrial. "Ele é muito desenvolvimentista", afirma um empresário do setor financeiro.

O setor industrial mantém restrições, embora menos resistentes, a **Ciro**. "Conta contra ele a lembrança de que era o ministro da Fazenda de uma abertura econômica não negociada, uma proposta de renegociação compulsória da dívida e uma imagem de arrogância", afirma **Piva**. "Ele não tem partido, e isso também é um problema", diz outro industrial.

Para o presidente da Federação das Indústrias de Minas, **Stefan Salej**, o que **Ciro** conseguiu até agora foi ter a sua mensagem recebida pelo setor. "O segundo momento é o do diálogo", afirma. Para ele, esse futuro é o definitivo para formar uma relação de confiança.